

## EDITORIAL

O presente volume reúne trabalhos críticos que contemplam modos diversos de reflexão sobre a infância em múltiplas manifestações culturais. Através das imagens e das palavras, a modernidade não cessou de representar a infância e de interpretá-la, criando figuras enunciativas, dando voz a quem, por definição, carece dela. Já foi dito que a mudez está inscrita na própria palavra (*in-fans*): existindo apenas como memória do outro, ela alude a uma condição sempre narrada ou teorizada pelo adulto.

A noção de infância participa, de modo crucial, na formação da modernidade cultural e encontra-se estreitamente vinculada à memória e ao mito das origens. Ao abordar a infância, os autores dos artigos incluídos no volume se referem à memória individual e à memória histórica, às recordações traumáticas e às memórias felizes, e também a simbolizações necessariamente impregnadas de uma dimensão coletiva. Vinculando infância e memória, os estudos publicados incursionam em territórios da linguagem e da expressão artística.

No dossiê, intitulado “Visões da infância. Relatos da memória e da imaginação”, há uma forte unidade de conjunto, apesar da diversidade de perspectivas adotadas e da variedade dos objetos de estudo. Os autores aproximam-se de expressões artísticas, de obras literárias e de pensamento, a partir de reflexões contemporâneas sobre a infância que propiciaram diálogos em espaços interdisciplinares.

Pela primeira vez, publica-se em língua portuguesa “Infância”, do escritor e crítico argentino Daniel Link. A sua análise de *O pequeno príncipe*, de Saint-Exupéry, parte do princípio de que a noção mencionada no título do artigo significa um estado da imaginação e não uma etapa da evolução humana. Posicionado no campo filosófico, Walter Omar Kohan concebe a infância como condição da filosofia e da liberdade de pensar. Traçando um percurso que começa nos ensinamentos de Sócrates e culmina nas propostas de Jean-François Lyotard, o autor de “Visões da filosofia: a infância” situa essa condição no cerne da filosofia, salientando os paradoxos inerentes a todo pensamento autêntico.

“*Infancia clandestina* ou a vontade da fé”, de Gonzalo Aguilar, e “En el embute del francés: sobre *Manèges/La casa de los conejos*, de Laura Alcoba”, de Débora Duarte dos Santos e Pablo Gasparini, se detêm em ficções – um filme, no primeiro artigo, e um romance, no segundo – que recriam experiências infantis do período ditatorial da Argentina, iniciado em 1976. A leitura de *Infancia clandestina* mostra a singularidade desse filme em relação à série em que crianças são protagonistas da violência política no cinema desse

país. A partir do romance de Laura Alcoba, indaga-se, no ato da tradução do francês para o espanhol, a reconversão de representações da infância. Da ocultação do trauma, da figura do órfão e da orfandade política se ocupa Rita De Grandis na sua revisitação de *Marcelino pan y vino*, um filme clássico do cinema espanhol do período posterior à Guerra Civil Espanhola.

A evocação do universo infantil de tradições culturais antigas e o aproveitamento das reflexões de Walter Benjamin aproximam os artigos “Assombrações da infância com Boltanski e Benjamin”, de Rosana Kohl Bines, e “Retratos subexpostos de *Miguelins*,” de Elisa Maria Amorim Vieira. O pensamento de Benjamin serve de apoio inspirador tanto das interpretações de uma obra do artista francês Christian Boltanski quanto da leitura de imagens e relatos dos moradores do Vale de Jequitinhonha, em que se adverte a sintonia com o imaginário de *Grande sertão: Veredas*.

Em “Un niño en estado de paisaje: *Allá lejos y hace tiempo*, de Hudson”, Adriana Kanzepolsky se ocupa da singular autobiografia da infância feliz de um escritor argentino que escreveu, em inglês, a nostalgia de um espaço, os pampas do século XIX.

Sobre outras recordações dos anos infantis, as do escritor venezuelano Salvador Garmendia, escreve Mónica Marinone em “Imaginación de infância en *Memorias de Altagracia*”. A autora observa o modo como memória, experiência e imaginação são convocados na obra de Garmendia.

“Redações escolares e diários: escritas do escândalo”, de Renan Ji, contrasta os romances *Elogio da madrasta*, de M. Vargas Llosa, e *O caderno rosa de Lori Lamby*, de H. Hilst, atendendo às maneiras diferentes de conceber a sexualidade infantil. Para pensar a infância no universo poético de Jorge de Lima, o artigo de Luciano M. Dias Cavalcanti, intitulado “Infância e poesia na lírica final de Jorge de Lima”, opta por partir do vínculo entre poesia e imaginação infantil postulada no século XVIII por Gianbattista Vico. Rodrigo Ielpo aborda, a propósito de *W ou Le souvenir d'enfance*, de Georges Perec, a “indecibilidade” da obra que assume uma dupla inscrição, como ficção e como autobiografia não ficcional. Ermelinda M. Araújo Ferreira, no artigo “Cheias de graça: as poéticas *mambembes* de Guimarães Rosa e Osman Lins”, nota a coincidência existente entre os dois grandes escritores brasileiros, fundada no circo, na carnavalização e no humor.

Em seguida, o volume apresenta duas resenhas de livros publicados no Brasil no ano de 2014, que julgamos de especial relevância na área de Letras: Antonio Andrade escreve sobre *Literatura e ética*, de Diana Klinger, e Rafael Gutiérrez comenta *Monstros e arquivos*, de autoria de Roberto González Echevarría e tradução de Ary Pimentel.

*Silvia Carcamo (UFRJ) e Miriam Garate (UNICAMP)*

*Editoras convidadas*